

STANISŁAW LEM: FICÇÃO NA ENCRUZILHADA DA CIÊNCIA COM A METAFÍSICA

STANISŁAW LEM: FICTION AT THE CROSSROADS OF SCIENCE AND METAPHYSICS

STANISŁAW LEM: FICCIÓN EN LA CONFLUENCIA DE LA CIENCIA Y LA METAFÍSICA

Henryk SIEWIERSKI*

Resumo: Este artigo discute, no âmbito da metafísica, o “eu poroso” e o “eu armado”, partindo uma radiografia das intuições religiosas e ateístas do século XX. A formulação teórica tem como base as conclusões do filósofo canadense Charles Taylor, na sua obra *A Secular Age*, que faz uma antinomia entre duas formulações do eu: o “eu poroso” (ou: self poroso) e o “eu armado” (ou: self protegido). O primeiro caso refere-se a um eu que se fez presente em eras passadas e que se deixava penetrar por crenças, superstições, anjos e demônios. O segundo é a forma contemporânea do eu armado e protegido com as conquistas da razão no campo da ciência e avanços da tecnologia. Ao contrário do *eu poroso* o *eu armado* tem sua autonomia garantida em face de elementos transcendentais e metafísicos. O corpus para a aplicação da teoria exposta é o escritor, filósofo e futurólogo polonês Stanisław Lem (1921, Lvov – 2006, Cracóvia), considerado um dos clássicos da ficção científica do século XX. Em sua obra ficcional, sobretudo, em *Fantástico e futurologia* a interface entre a ciência e a metafísica possibilita demonstrar a proposta de Charles Taylor. Aliás, o propósito deste ensaio é justamente apresentar essa interface, de modo a empregar a ficção como ação privilegiada para se colocar em questão os julgamentos acerca da ausência do “eu poroso”, ou do seu caráter anacrônico, no mundo “desencantado” de hoje.

Palavras-chave: Metafísica. Transcendente. Eu poroso. Eu protegido.

Abstract: This paper discusses in the context of metaphysics, the “I porous” and “I armed”, leaving an X-ray of religious and atheistic intuitions in the twentieth century. The theoretical formulation is based on the findings of the Canadian philosopher Charles Taylor, in his book *A Secular Age*, which is an antinomy between two formulations of self: the “I porous” (or: Porous self) and “I armed” (or self protected). The first case refers to a self that was present in past ages and that allowed him/herself to be penetrated by beliefs, superstitions, angels and demons. The second is the

* Doutor em Ciências Humanas - Uniwersytet Jagiellonski - Polônia (1980). Professor Titular do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB). Contato: hsbrasil@hotmai.com.

contemporary form of self reinforced and protected with the achievements of reason in the field of science and advances of technology. Unlike *I porous the I armed* has one autonomy guarantee before transcendental and metaphysical elements. The corpus for the application of the exposed theory is the Polish writer, philosopher and futurologist Stanisław Lem (1921, Lvov - 2006, Krakow), considered one of the classic science fiction of the twentieth century. In his fiction, especially in *Fantastic and futurology* the interface between science and metaphysics enables demonstrating the proposal of Charles Taylor. In fact, the purpose of this essay is precisely to present this interface in order to use fiction as a privileged action to call into question the judgments about the absence of “I porous”, or its anachronistic character in the present “disenchanted” world.

Keywords: Metaphysics. Transcendent. I porous. I protected.

Resumen: En este trabajo se analiza en el contexto de la metafísica, el “yo porosa” y “armado”, dejando una placa de rayos X de las intuiciones religiosas y ateas del siglo XX. La formulación teórica se basa en los hallazgos del filósofo canadiense Charles Taylor, en su libro *A Secular Age*, que es una antinomia entre dos formulaciones de uno mismo: el “yo porosa” (o: auto poroso) y “I armado” (o auto protegido). El primer caso se refiere a un auto que estaba presente en los siglos pasados y que hizo que penetrar creencias, supersticiones, ángeles y demonios. La segunda es la forma contemporánea de auto reforzado y protegido con la razón de los logros en el campo de los avances científicos y tecnológicos. A diferencia de lo mismo porosa ha reforzado su autonomía garantizada en la cara de los elementos trascendentales y metafísicos. El corpus para la aplicación de la teoría expuesta es el escritor, filósofo y futurólogo polaco Stanisław Lem (1921, Lvov - 2006, Cracovia), considerado uno de los clásicos de la ciencia ficción del siglo XX. En su ficción, sobre todo en la futurología fantástico y la interfaz entre la ciencia y la metafísica hace que sea posible demostrar la propuesta de Charles Taylor. De hecho, el propósito de este ensayo es precisamente presentar esta interfaz con el fin de utilizar la ficción como una acción privilegiada para poner en cuestión los juicios acerca de la ausencia de “yo porosa”, o su carácter anacrónico en el mundo de hoy “desencantado”

Palabras clave: Metafísica. Trascendente. Yo poroso. Yo protegido.

1.

Mapeando e radiografando as intuições religiosas e ateístas do homem do século XX, um filósofo canadense Charles Taylor, na sua obra *A Secular Age*¹ serve-se de uma antinomia de *porous self* e

¹ TAYLOR, Charles. *A Secular Age*. Cambridge: Harvard University Press, 2007. A tradução Brasileira: *Uma era secular*. Trad. Nélcio Schneider e Luiza Araújo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.

buffered self, ou seja, de “eu poroso” (ou: self poroso) e “eu armado” (ou: self protegido). O primeiro é próprio da situação do homem que vive no mundo “encantado” em que a religião constitui um axioma determinante da ordem social, política e legislativa; os fenômenos da natureza são vistos como efeitos de atuação das forças divinas e em função da existência de Deus são estabelecidas as metas da vida individual e social. Nesse mundo, o do passado, o eu era frágil, exposto à ação das forças externas, os seus “poros” deixavam que no seu interior penetrassem coisas misteriosas, os espíritos, anjos e demônios. Mas o processo de desencantamento, o *Enzauberung* weberiano, fez surgir o “eu impermeável”, “protegido” do que vem de fora e se mostra incompatível com a razão. É o “*buffered self*” próprio do nosso “*Secular Age*”, um *self* que marca a sua presença numa modernidade desencantada e secular, principalmente desde o fim da I Guerra Mundial.

O ateísmo moderno, portanto, armado com as conquistas da razão no campo da ciência e avanços da tecnologia, fez reforçar a armadura protetora, a resistência do homem em seu confronto com o transcendente. O “eu poroso” do mundo encantado passa a ser anacrônico no mundo desencantado do “eu protegido”, “armado”, o mundo do “*Secular Age*”. Mesmo que seja uma diagnose bem fundamentada, não faltam provas de que o “eu poroso” ainda não foi extinto. Talvez as mais instigantes, entre elas, sejam as situações em que os portadores exemplares de “*buffered self*”, ou seja, os agnósticos declarados, impermeáveis ao que se situa fora da razão, vacilam diante do transcendente que não os deixa em paz, e a couraça protetora apresenta sinais de rachadura.

Situações dessas encontramos na obra literária e ensaística da Stanisław Lem, racionalista e ateu declarado, mas também criador dos seres superiores aos humanos, dos deuses hipotéticos e fenômenos misteriosos.

2.

Stanisław Lem (1921, Lvov – 2006, Cracóvia), escritor, filósofo e futurólogo polonês, considerado um dos clássicos da ficção científica do século XX, além de romances, escreveu contos filosóficos, textos dramáticos e satíricos, resenhas de livros

inexistentes e ensaios sobre diversos temas de ciência, tecnologia, filosofia, literatura e civilização contemporâneas. No Brasil, onde foram traduzidos seus romances *Solaris* (1971), *O incrível Congresso de Futurologia: das memórias de Ijon Tichy* (1971) e *A Voz do Mestre* (1991), a sua obra ensaística é praticamente desconhecida. Nela se destacam: *Summa technologiae* (1964), uma avaliação das possibilidades que surgem com as novas tecnologias para a amplificação das capacidades humanas e a *Filosofia do acaso* (1970), que propõe “teoria empírica da literatura”, com a aplicação da teoria dos jogos, *O Fantástico e a futurologia* (1970), obra que congrega a da história, a teoria e a crítica da ficção científica.

Nos últimos anos de sua vida, algumas das suas ousadas visões futurológicas passaram do campo da ficção para a realidade. O poder da razão humana surpreende, mas também gera uma crise de confiança diante dos perigos em que os seus sucessos colocam o homem e o planeta, diante dos sinais da decadência e da crise dos valores éticos. O autor da *Summa technologiae* chega cada vez mais a confrontar as conquistas e as perspectivas do desenvolvimento científico e tecnológico com a situação do mundo real, com as perspectivas, perigos e desafios do homem em sua relação consigo mesmo e com o Universo.

3.

Em sua obra Lem explora bastante os temas metafísicos, criando hipóteses, inclusive, da vida eterna (geralmente que lembra histórias grotescas de Wolter), nunca declara guerra à religião, mas deixa claro que Deus para ele não existe, que por opção não acredita no que lhe parece irracional e contrária aos dados empíricos. Os deuses são para se acreditar ou não neles e, acreditando, para adorar e não justificar filosoficamente ou cientificamente a sua existência. Para Lem, basta a existência de deus ser inconciliável com a razão e com a experiência, mas também com o sofrimento sempre presente na evolução da vida e na história do homem, para se colocar na posição de quem não acredita.

4.

“Tornar a fé independente de qualquer reflexão lógico-empírica, poderia ser a chance de sua salvação a longo prazo”² – diz Lem em *Fantástica e futurologia* (SZPAKOWSKA, 1996, p. 44). A religião não pode confiar nem se apoiar na ciência, porque as verdades da fé, seus dogmas devem ser eternos, enquanto as verdades da ciência mudam com o tempo. “Se alguém acredita por alguns motivos ou causas, a sua fé não é totalmente soberana; que dois e dois é quatro sei com certeza, então disso não preciso acreditar” – lemos em *Viagem XXI* de Ijon Tichy, (LEM, 1976, p. 250). Há quem diante da secularização da cultura lamenta, há quem vê a salvação da religião em sua aliança com a ciência. Lem, que não tem fé, acredita que os homens com a sua necessidade da metafísica, nunca deixarão que a cultura se secularize completamente. E será que este agnóstico declarado nunca tem fé? Eis o que confessa numa das suas entrevistas:

As crenças tipo religiosos [...] são com certeza necessárias para a vida, de outro modo do que os corações e intestinos, mas são necessárias, e eu também algumas crenças assim, não empíricas e não reduzíveis à empiria, tenho. Mas só nos momentos de fraqueza da mente posso pensar que o Mal e o Bem não sejam apenas qualidades locais, que coexistem com os seres humanos e que com eles desaparecem, mas que existem além ou acima de nós (BEREŚ, 1987, s. 170-171).

5.

É impossível descartar a hipótese da existência de outros moradores do Universo. Assim tem sentido a pergunta que Lem faz em *Fantástico e futurologia*, acerca do ensino e das atitudes da Igreja católica, apostólica e ecumênica, caso chegássemos a fazer contato com eles. Certamente haverá necessidade de profundas mudanças. A resposta não muito séria (as muito sérias não seriam engraçadas e o humor é um ingrediente indissociável da sua obra) encontramos na *XXI viagem de Ijon Tichy*. O viajante chega ao planeta Dictionia de uma civilização muito avançada em relação a Terra, onde encontra os

² Todas as citações neste artigo são traduções do autor, dos textos originais em polonês.

destruccianos, padres missionários que vivem à margem da civilização, anacrônicos, escondidos nas catacumbas, sem chance de continuar a sua missão, mas sem abrirem mão da fé. Um deles, o padre Lacymon, reclama das dificuldades do trabalho missionário no Cosmos e dá alguns exemplos: os moradores de Arpetuza, que ao obedecer ao mandamento de castidade deixaram de se reproduzir; os Pentagêmeos que vivem na temperatura acima de seiscentos graus Celsius, em vez de temerem dos fogos do inferno, sonham com eles; os Mnemongos foram tão gratos ao padre Orybazy por tê-los convertido, que lhe proporcionaram a morte de mártir.

Neste planeta altamente avançado onde até a engenharia auti-evolucioista funciona produzindo seres dantes inimagináveis, onde as técnicas de manipulação da consciência são aplicadas em massa, Ijon Tichy faz uma espécie de retiro com os padres clandestinos cujo trabalho missionário perdeu sentido. Durante as refeições no refúgio dos destruccianos, o seu superior, padre Memnar, dá aulas de teologia aos derrotados defensores da fé, que vivem o paradoxo da fé necessária e impossível ao mesmo tempo. A teologia racional perdeu a sustentação no mundo em que já não é possível conciliar a religião com a ciência. A religião institucional não tem mais razão de ser, só resta a fé, mas a fé absurda, completamente desinteressada, sem expectativa de qualquer recompensa: “Não exigimos de Deus qualquer remuneração pela fé, não lhe apresentamos qualquer reivindicação, porque enterramos a teodicéia baseada no modelo de uma transação comercial e troca de serviços: eu te faço existir, e tu vai me servir e glorificar” (LEM, 1976, s. 249).

Małgorzata Szpakowska, em seu livro *Discussões com Stanisław Lem* (Dyskusje ze Stanisławem Lemem), fala sobre o drama e a heroicidade dessa fé:

Em sua [dos padres destruccianos] decisão de perseverar porque assim é preciso, em fidelidade a uma vez tomada decisão, em determinação com que levam a sua existência subterrânea — soa nitidamente a nota conradiana. Eles também têm algumas simples verdades, que dispensam justificação e que é preciso defender até o fim — apesar da ausência do Absoluto, apesar do relativismo das normas, apesar da inevitabilidade da evolução e apesar do poder irrestrito do acaso (SZPAKOWSKA, 1996, p. 55).

6.

Como é, enfim, Deus de quem não crê em Deus, para quem o Deus do cristianismo é inaceitável, quem não O acha nem todo poderoso nem justo, quem não quer confessar um credo *quia absurdum est*. Mais fácil é contestá-lo, do que se livrar dele. A presença de Deus na obra ensaística e ficcional de Lem impressiona e chama a atenção dos críticos. Um deles, Jerzy Jarzębski, tomando em consideração as diversas manifestações dessa presença, conclui:

[Deus de Lem], está tratado com toda a seriedade, não tem traços nítidos, não se deixa analisar, não conversa com as suas criaturas, nem lhes dá ordens. Também não promete uma vida depois da morte, nem um prêmio nem um castigo. A sua função é ser, existir além do nosso mundo, sancioná-lo e fornecer um ponto de referência. E os homens? Os que nele acreditam — na fase madura da sua obra, diferente do que nos seus primeiros escritos — não provocam uma repulsão, mas antes uma simpatia. Lem não exige deles as provas da existência de Deus, não denuncia as antinomias no seio da teologia, mas antes admira o apego a certos princípios que extrapolam qualquer moralidade calculista, como o apelo: “Amai a vossos inimigos!”. A conversão? Isso não, da conversão Lem está longe. Talvez somente a fé como uma possibilidade [...] tem passado nele um teste de maturidade: de um entendimento primário de “ópio para o povo” passou a ser uma opção de visão do mundo que não dá para menosprezar (JARZĘBSKI, 1997, p. 17-33).

A seriedade com que Deus é tratado e a reflexão metafísica tão presentes na obra de Lem, um dos escritores ateus declarados do nosso “*Secular Age*”, assim como a sua vacilação diante do transcendente (mesmo que seja “só nos momentos de fraqueza da mente”) que chega a confessar, colocam em questão os julgamentos muito categóricos acerca da ausência do “eu poroso”, ou do seu caráter anacrônico, no mundo “desencantado” de hoje.

Referências

BEREŚ, Stanisław. **Rozmowy ze Stanisławem Lemem**, Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1987.

JARZĘBSKI, Jerzy. **Bóg ateistów**: Schulz, Gombrowicz, Lem. “Znak” (Cracóvia), 1997, no. 2, p. 17-33.

LEM, Stanisław. **Dzienniki gwiazdowe**. Warszawa: Czytelnik, 1976.

SZPAKOWSKA, Małgorzata. **Dyskusje ze Stanisławem Lemem**. Warszawa: Open, 1996, p. 53.

TAYLOR, Charles. **A Secular Age**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

_____. **Uma era secular**. Trad. Nélio Schneider e Luiza Araújo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.

Recebido em: 10 de maio de 2016

Aceito em: 15 de junho de 2016